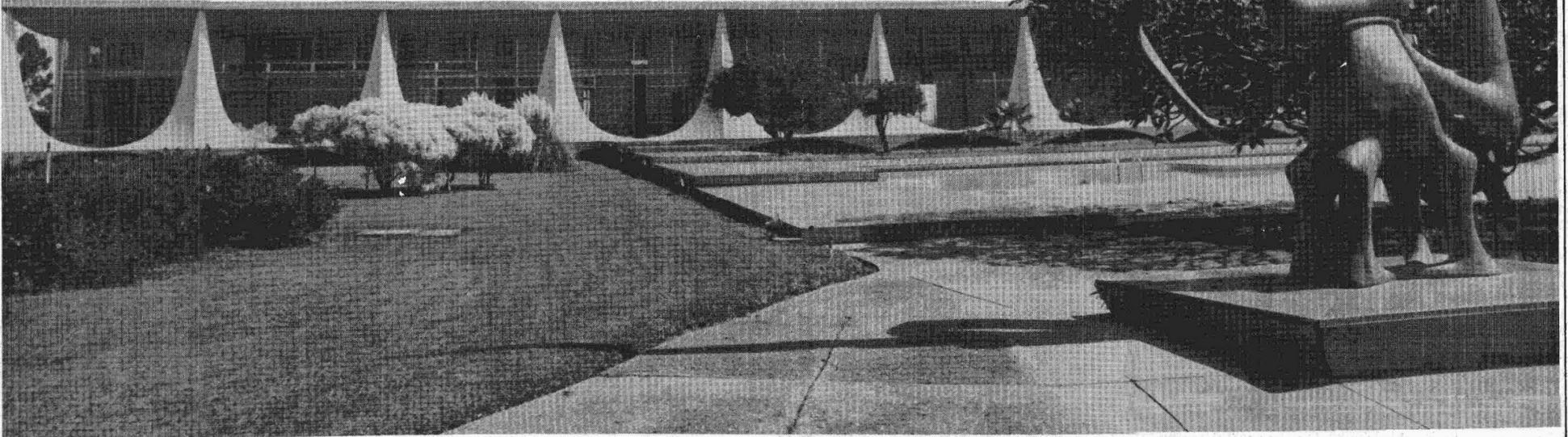


# ALVORADA - 30 ANOS

MILA PETRILLO



## Um palácio em crise existencial

O velho Alvorada chega aos 30 anos, na próxima quinta-feira, numa crise existencial que a sua maturidade

como palácio residencial apenas acentua. Nasceu como monumento de mármore branco e vidros verdes para, com suas linhas e curvas sensuais, encantar o mundo e enaltecer um momento de glória nacional com a vibração do final dos anos 50

A. C. SCARTEZINI  
Editoria de Política

A vibração está logo na porta, na delicada lâmina branca de mármore que se ergue da grama como um obelisco a marcar o sítio e a edificação, feita "por engenheiros e operários, irmanados todos no impetuoso criador que tornou possível fundar, no coração de nossa pátria este centro de civilização".

Mas os tempos passam. Sai a euforia juvenil e os compromissos de uma época. Chegam os sinais da maturidade acumulada na íntima convivência diária. O Alvorada, aos 30 anos, continua majestoso, solitário à beira do Paranoá, no imenso silêncio ao seu redor. Mas os moradores cansam-se dele. "E uma cristaleira", desdenhou Marly Sarney de sua plástica leve e sensual.

A plástica viçosa não disfarça os incômodos do Alvorada, como o cheiro de comida que emana da cozinha para todos os aposentos da mesma forma inevitável com que, a cada dia, ao almoço sucede o jantar. Cansada com o cheiro de peixe frito que varria o palácio, Lucy Geysel tomou uma medida drástica no governo militar de seu marido Ernesto: proibiu as frituras.

Outro incômodo é a concentração de energia solar que eleva a temperatura interna. Com o calor insuportável, tentou Marly encomendar ao marido José, tubulações ou aparelhos que espalhassem alguma brisa fresca pela casa, mas não foi possível fazer nada: o Alvorada é um monumento tombado desde o nascimento. Em monumento tombado não se mexe.

Mas em família se mexe. Marly, com receio de uma antiga alergia que se revigora com a secura no cerrado, pensou em levar a família para a Granja do Torto nestes meses sem chuva. No início, José aceitou a idéia para proteger a família. Depois recuou. O Alvorada combina mais com a liturgia do cargo. Além disso, a família tem o sítio de Luziânia.

No mais é o barulho. Barulho interno, não a silenciosa solidão em volta. Cristaleira. Mas o Alvorada também é uma caixa de ressonância. Mais do que os problemas nacionais e internacionais, ressoam nele os passos de quem caminha pelos assoalhos de madeira corrida ou conversa nas suas suaves e doces varandas.

### OS MORADORES

Nos tempos de Juscelino Kubitschek tudo era uma festa, uma euforia de construção nacional e não se via defeito no Alvorada, em cujos salões desfilaravam as atenções mundiais. Com Jânio Quadros, a festa solitária, as bebedeiras nos aposentos íntimos, a sessão de cinema que nunca terminava, o deslumbramento com o poder.

Mas logo veio João Goulart, que respeitava a imponência e a força do Alvorada como emblema, mas acomodava melhor os seus hábitos campestres na discreta Granja do Torto. As portas da granja estavam abertas aos amigos, mais do que as do Alvorada, onde a mulher Maria Teresa

às vezes, refugiava-se, para a paz silenciosa da noite.

Todas as portas tornaram-se mais restritas com o regime militar. Logo ao comandar o golpe, em abril de 64, o marechal Castello Branco ocupou o Alvorada como emblema do poder, levou a filha Antonieta e o genro Salvador Diniz para morarem juntos, e abriu o palácio apenas aos compromissos de governo.

Mas Castello terminou sozinho. Numa madrugada, Salvador ergueu-se em sua cama no andar superior da casa com sede. Deslizou pelo imenso corredor à procura da distante copa, mas foi interceptado por dois seguranças. No escuro do corredor, os homens confundiram o genro do presidente com algum corpo suspeito em movimento.

Abateram-no com dois golpes rudes. Ergueu-se Salvador no chão do corredor. Acenderam-se as luzes. Identificou-se o genro diante dos seguranças. No dia seguinte, Salvador pegou suas coisas e abrigou-se em outra moradia, mais vulnerável, mas menos arriscada no fluxo interno e com uma copa mais próxima do quarto de dormir.

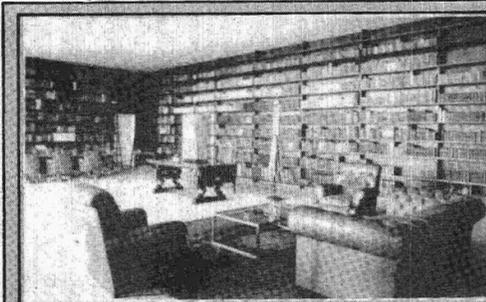
Se dependesse de Castello, o casal Yolanda e Arthur da Costa e Silva não seria o novo morador do Alvorada. No embate político entre os dois marechais, venceu Costa e Silva e tornou o palácio mais alegre com recepções deslumbrantes aos amigos do casal. Mais do que nunca, o símbolo de poder do palácio deslumbrava os moradores.

O mesmo símbolo de poder valeu para o general Garrastazu Medici, mas com uma austeridade que vedava sua invasão por amigos. A austeridade não impediu Medici de habitar o palácio com as famílias dos seus dois filhos, Sérgio e Roberto, que vieram de Porto Alegre. Como o final de semana era mais descontraído, neles todos recebiam os amigos na Granja do Riacho Fundo.

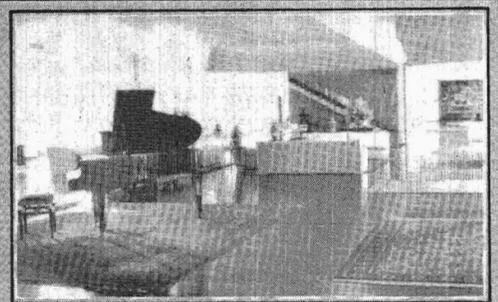
Ainda mais rigoroso, o general Geisel interditou a amigos até mesmo o Riacho Fundo dos fins de semana. Tinha como filho o assessor Humberto Esmeraldo Barreto, que todos os domingos ia com a mulher e os filhos para a granja, mas nunca sem aguardar antes uma convocação por telefone pelo chefe. O Alvorada era praticamente inacessível.

Nunca, o general João Baptista Figueiredo mostrou gosto por imponências, solenidades ou formalidades. Esqueceu a existência do Alvorada e manteve o refúgio em que colocou-se nove anos antes na Granja do Torto, onde viver era uma festa permanente com os amigos. Como poderia abrigar no Alvorada os cavalos? E a pista de hipismo?

Apenas Sarney, com menos extravagâncias em seus hábitos diários, retornou ao velho Alvorada conduzido pelo apelo da liturgia do cargo presidencial. Respeita o palácio e aprecia nele a oportunidade de trabalhar mais reservada e descontraidamente do que no Planalto. Por isso procura reservar-lhe o trabalho pelas manhãs, depois de percorrer seus jardins nas andanças diárias.



A biblioteca abriga clássicos gregos, enciclopédias e autores brasileiros



Aqui, no salão de recepções, Sarney reuniu 300 convidados para comemorar a vitória pelos 5 anos

## Os recantos contam a história

A crise do Alvorada começa pela circunstância de que chega aos 30 anos esquecido pelos amigos e moradores, embora o aviso sobre a data esteja na sua porta. Logo ao lado da majestosa porta principal, no centro do elegante obelisco de mármore, está gravado para a história:

"Neste 30 de junho de 1958 inaugurou o presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek, este Palácio, denominado de Alvorada e residência do chefe de Estado Brasileiro e primeiro edifício erguido na Nova Capital da República".

Ergueu-se por encomenda de JK à prancheta genial de Oscar Niemeyer e plantou-se à beira do lago entre três de abril de 57 e 30 de junho de 58, pela engenharia da Construtora Rabello — empresa que floresceu na construção de Brasília e não resistiu muito depois, ao contrário dos monumentos irreversíveis que plantou na cidade.

Outro golpe do destino está gravado em letras douradas sobre a parede também dourada do saguão de entrada do palácio. A quem chega, depois de passar pelo obelisco, causa impacto a parede em ouro com a frase histórica que a poesia de Augusto Frederico Schmidt criou para um discurso de JK:

"Deste Planalto Central, desta solidão em que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável em seu grande destino.

Brasília, 2 de outubro de 1956." O golpe não deixou que o discurso fosse pronunciado naquele dia em Brasília, para onde JK voara do Rio para aqui, no Planalto Central, assinar a mensagem ao Congresso Nacional propondo a mudança da Capital da República. O mau tempo brasileiro empurrou o avião de Juscelino para o aeroporto de Anápolis, onde discursou e assinou a mensagem.

Sob tapetes em alguns cantos, os assoalhos de madeira que repercutem o caminhar de quem passa, lançam o seu barulho para o alto. O barulho salta sobre as muradas do

longo corredor que comunica os aposentos privativos do andar de cima e chega à intimidade dos moradores da casa. A noite evita-se caminhar pelo salão, em que Sarney reuniu 300 pessoas no último dia dois para comemorar a aprovação dos cinco anos de seu mandato pela Constituinte.

O salão distribui os outros aposentos do térreo. Na extremidade sul, a sala de banquetes, com 20 cadeiras e três tapeçarias de Concessa Colaço, na outra ponta do palácio, numa sala semelhante o Presidente despacha em outra mesa do mesmo porte, ao lado das salas dos ajudantes-de-ordem, seguranças e secretárias.

Entre o salão de recepções e a sala de despachos, a biblioteca envolvida por três paredes. Em duas delas, acomodam-se as prateleiras que, numa ponta, começam pelas enciclopédias e clássicos gregos e, na outra, terminam com a coleção da Brasileira. Entre uma ponta e outra, autores clássicos desde Lima Barreto a Leopardi.

Na terceira parede, Sarney deuse a uma fraqueza. Retirou do centro da parede o óleo com o retrato de Cocques Gonzales, pintor clássico que todos na casa desconhecem. E que vinha com a residência presidencial desde o Palácio Laranjeiras no Rio. No lugar colocou seu próprio retrato a óleo, em traços com a faixa presidencial, pintado pelo duvidoso português Rul Preto

Pacheco no Natal de 86. Na outra ponta do corredor, mais quatro apartamentos, cada um com duas suítes e uma sala de estar. Ao lado deles, uma sala de jantar para 10 pessoas — a deferência maior que Sarney pode fazer a uma pessoa é o convite para jantar no andar de cima e não em baixo. Há ainda o salão de beleza com barbearia.

No subsolo, apenas uma sala pode receber os convidados. E a de cinema com 50 poltronas, onde Jânio deliciava-se com o poder de interromper a projeção de um filme de faroeste e mandar repetir uma cena até a exaustão. Eram as mais longas noites de cinema do Alvorada, animadas por pequenas mesas com lugares para garrafas, copos e tira-gostos.

Ao lado do palácio, a capela. "Dedicada à Nossa Senhora da Alvorada no dia 29 de janeiro de 1961", comunica uma placa na entrada. No teto branco, quatro desenhos cinzas traduzem os símbolos do cristianismo e da vida: o peixe, a cruz, o sol e a lua. Duas cadeiras acomodam o casal presidencial ao lado do altar. Atrás, três bancos podem abrigar 14 pessoas.

No fundo, é uma casa que busca a sua privacidade como todas as outras. A ampla piscina está quase sempre deserta, logo atrás do prédio. Atrás da piscina e em toda a área ao seu redor, árvores, plantas, um lago e pe quenos bosques garantem a privacidade do tornar menos desvendável o Palácio.

Entre as árvores atrás da piscina, alguns viveiros com pássaros sobrevivem à fauna que Jânio trouxe consigo para o Alvorada há 17 anos. Ao lado deles, o playground que José Sarney instalou para os netos. Nem sinal da casinha de madeira que, numa imitação do Alvorada, a mulher de Jânio, Eleonora, mandou construir para Muriçoca, a cachorra do casal.

A proteger toda a área, uma grade com 10.800 metros envolve o Alvorada. Cruza à sua frente e margela todo o lago do Paranoá. Ao seu lado, a garagem onde abriga-se a lancha "Amazônia" — sucessora da Gilda de JK —, sob a proteção de um retrato na parede do almirante Barroso.

